

EU ME LEMBRO DE GILBERT

APRIL JOY GAZMEN

Faz sete meses desde a última vez que vi a luz do quarto de Gil acesa. A Sra. Blithe acenou para mim da janela do quarto, na casa vizinha. Eu sorri, mas, por dentro, sentia-me entorpecida.

Jamais me esquecerei do dia em que conheci Gil e sua mãe. Eu tinha sete anos e meus pais me levaram para conhecer a nossa casa nova, nos arredores da cidade. Minha mãe tinha sido transferida e tivemos de nos mudar, deixando tudo para trás.

Sentia saudades de meu quarto e de meus melhores amigos, e não conseguia acreditar no quanto estava sendo perturbada por meus pais. A ideia de ter de frequentar uma escola nova era assustadora. Eu não teria com quem conversar e também não queria fazer novas amizades.

Quando chegamos à casa nova, de dois andares, meus avós estavam lá para nos dar as boas-vindas. Também vi uma mulher abraçando carinhosamente minha mãe. A Sra. Blithe tinha sido a melhor amiga dela na escola e, agora, era nossa vizinha de porta.

Mamãe me levou para conhecer meu quarto, no andar de cima, e eu me deixei despencar sobre a cama. Devo ter adormecido, porque, quando dei por mim, já estava escurecendo. Pela imensa janela do quarto, entrava uma música ensurdecidamente alta. Olhei para fora e, em frente à minha janela, havia outra. Um garoto de roupas escuras olhava por um telescópio para o resplandecente céu noturno. Imediatamente, notei as luzinhas brancas de Natal cintilando no teto do seu quarto.

- Eu sou Gilbert Jim Jonathan Blithe. Mas pode me chamar de Gil.

- Sou Katharine Kennedy. Mas meu apelido é Katie - berrei de volta. "Nossa, que susto ele me deu!" Esse foi o nosso lindo começo. Naquele mesmo instante, percebi que gostava daquele vizinho esquisito. Gil tornou-se um irmão para mim. Ficávamos horas batendo papo e contando histórias um para o outro. Meu pai colocou uma escada de incêndio na minha janela e Gil passou a usá-la como entrada para o meu quarto. Era engraçado, ele nunca usava a porta da entrada. E tinha aquelas luzinhas no teto do quarto porque as estrelas e os planetas o fascinavam.

Quando as aulas começaram, fomos para a escola juntos, de bicicleta. Cuidávamos um do outro, ele evitando que eu me machucasse e eu mantendo-o longe de encrencas. Mais tarde, íamos para o parque brincar no trepa-trepa, mas o nosso lugar favorito era o quintal dos fundos da minha casa. A imensa acácia, com tábuas pregadas no tronco, era o nosso refúgio, onde criávamos mil histórias, encarnando os mais diversos personagens. Ninguém podia subir ali.

Os verões foram se passando e eu fiz treze anos. Gil me presenteou com as primeiras flores da primavera. Então, a Sra. Blithe contou à minha mãe que Gil estava internado com uma doença cardíaca grave e talvez precisasse de um transplante de coração. Quando soube, fiquei tão arrasada que tive a sensação de que eu também precisaria de um.

O hospital era sombrio. Uma prisão de paredes brancas, com uma comida horrível. Todas as refeições de Gil tinham cara de mingau. Prometi que levaria

amendoins cobertos de chocolate no dia seguinte e sei que isso o deixou mais animado.

Quando Gil sentia que eu estava ansiosa ou prestes a chorar, me mandava olhar pela janela. "Deixe que as luzes do teto do meu quarto lhe digam que sempre estou lá", falava, baixinho.

Ele sempre encontrava uma forma de me fazer sorrir. Depois de um mês no hospital, Gil voltou para casa. Foi a primeira vez que entrei em seu quarto e tive uma sensação esquisita. Era tudo muito arrumadinho. Depois de saltar sobre a cama e atirar um travesseiro em mim, confessou que tinha sentido saudades do quarto. Eu confessei que tinha sentido ainda mais saudades dele. Ficava perturbada com a possibilidade de que nada mais fosse como antes, mas, em duas semanas, Gil já estava de pé e fazendo misérias. Tive certeza de que o problema tinha sido superado quando ele subiu até o meu quarto e comeu pizza comigo.

Antes que nos déssemos conta, Gil e eu estávamos começando o segundo grau. As aulas e as meninas o mantinham ocupado, mas ele estava sempre por perto. Apesar de ter de trabalhar, passamos verões ensolarados juntos. Como sempre, os dias vividos ao seu lado corriam rapidamente. Então, ele voltou a adoecer.

Durante o primeiro semestre de nosso último ano, Gil foi internado pela segunda vez. Primeiro achei que se tratava de um alarme falso, mas acabou sendo mais grave do que eu podia imaginar. A única coisa que eu podia fazer era orar para que ele melhorasse. A escuridão do quarto em frente ao meu me lembrava constantemente de que ele estava longe. Eu o visitava sempre no hospital, mas nunca sabia direito o que dizer. Falar que tudo ficaria bem era mentira, mas consolava nós dois.

Seu Natal foi passado num quarto frio de hospital. Ele estava decidido a ir à formatura comigo e eu lhe garanti que iríamos. Segurei sua mão e olhei fundo em seus olhos até eles pararem de fitar os meus. Nenhuma palavra foi dita. Ambos sabíamos o que estávamos sentindo. Ele me pareceu sereno ao se despedir.

Gravei seu rosto em minha memória naquele momento, por mais que doesse a minha alma. Ele se foi, e a minha primeira sensação foi de que aquilo não podia estar acontecendo.

Era um absurdo. Como podia um amigo, uma pessoa que sempre estivera comigo e que me fazia feliz, me deixar para sempre? Eu não tinha mais ninguém para me consolar.

Naquele momento, enquanto eu olhava para a janela de seu quarto e para as estrelas e planetas colados no teto, compreendi que ele sempre estaria ali: no meu quarto, no meu coração e nas minhas lembranças. Enxuguei as lágrimas e vi um garotinho acenando para mim. Até hoje, não consigo compreender por que não consegui dizer "eu te amo" para Gil, nem mesmo no último segundo. Talvez por saber que ele sentia o mesmo.

Eu logo partirei para a faculdade e estou triste por ele não estar por perto para rir das minhas piadas ou me consolar quando eu estiver triste. Mas, por obra de um garotinho que olhava o infinito céu noturno através de um telescópio, hoje sei que a amizade se estende além do tempo. Eu sempre me lembrarei de Gilbert e a luz de seu amor me diz que ele sempre estará por perto.